

# BOLETIM 3X22

1822

1922

2022



edição

## NACIONALIDADE

TEXTOS E REFLEXÕES DEDICADAS ÀS  
INTERPRETAÇÕES DA PÁTRIA AMADA.

ENTREVISTAS COM  
JOÃO FELIPE GONÇALVES E  
ANTONIO DIMAS

# NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ!

A Redacção do **BOLETIM 3X22**, a fim de cultivar a pluralidade em suas publicações e estimular a produção cultural, busca por produções artísticas e/ou intelectuais externas e independentes para divulgar em suas páginas. Para a próxima edição, procura-se material relacionado ao tema **REVOLUÇÃO**.

Se você quer divulgar artigos, ensaios, poesias, crônicas, fotografias, pinturas ou qualquer outro tipo de produção científica, literária e/ou artística com um formato que permita sua publicação em nossas páginas, envie um e-mail com o assunto “Revolução - seu nome” para o endereço [3vezes22@gmail.com](mailto:3vezes22@gmail.com).

A Redacção

Eu também já fui brasileiro  
Moreno como vocês.  
Ponteei viola, quieei forde  
e aprendi na mesa dos bares  
que o nacionalismo é uma virtude  
Mas há uma hora em que os bares se fecham  
e todas as virtudes se negam.



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
Reitor Vahan Agopyan  
Vice-Reitor Antonio Carlos Hernandes



**PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**  
Pró-Reitora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado  
Pró-Reitora Adjunta Margarida Maria Krohling Kunsch

**Biblioteca Brasileira** *Guita e José Mindlin*

Diretor Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron  
Vice-Diretor Alexandre Macchione Saes

---

**COORDENADOR**

Alexandre Macchione Saes

**EQUIPE 3 VEZES 22**

Alaine Lizandra  
Andressa Villagra  
Giovane Direnzi  
Norberto de Assis  
Thaís Freitas

**EDIÇÃO, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

Equipe 3 VEZES 22

**ARTE E CAPA**

Alaine Lizandra  
Giovane Direnzi  
Norberto de Assis

**AGRADECIMENTOS**

João Felipe Gonçalves  
Antonio Dimas

---

O **BOLETIM 3X22**, enquanto canal de comunicação do PROJETO 3 VEZES 22, pretende difundir suas reflexões acerca da história, cultura e produção artística do Brasil, passando principalmente pelos períodos da Independência e do Modernismo para, a partir daí, pensar sobre os dias atuais e o futuro do país. As opiniões expressas nos textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Todo material incluído nesta revista tem a autorização dos autores ou de seus representantes legais. Qualquer parte dos textos da publicação pode ser reproduzida, desde que citados autor e fonte.

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin:

Rua da Biblioteca, 21, Cidade Universitária, São Paulo, SP CEP 05508-065

bbm.usp.br/publicacoes EMAIL bbm@usp.br TEL: 11 2648-0310 / 11 3091 - 1154

maio 2019

---

# BOLETIM 3X22

---

**1822**

**1922**

**2022**

---

*Nacionalidade*

O primeiro BOLETIM 3X22 abordou a temática do Manifesto, discutindo o conceito de caráter nacional e se utilizando dos manifestos propriamente ditos como fontes históricas, a fim de destacar o nível de compreensão a respeito do que se pensava e se produzia nos momentos de elaboração das obras. E se outrora nos valem desses manifestos como um elemento comum entre os Brasis dos séculos XIX e XX, no sentido de discutir suas proximidades e distanciamentos, desta vez vamos mais fundo no debate identitário e pegamos carona no inflamado dilema sobre o que é, afinal, ser brasileiro.

Percebe-se, atualmente, uma grande ascensão do chamado nacionalismo. E mesmo que, de certa forma, nunca tenhamos deixado de ser nacionalistas, como você verá em alguns textos desta edição, hoje em dia o fenômeno explode de maneira efervescente em todas as esferas possíveis. E dessa explosão chegamos a um projeto de nação que promete uma revolução às avessas da identidade brasileira.

Isso, no entanto, não é exclusivo da nossa contemporaneidade, uma vez que essas tentativas de representações e construções de identidade aparecem na nossa história já a partir do século XIX: A independência, por exemplo, foi um período de extrema importância para a fabricação de um sentimento nacional. O modernismo, por sua vez, tentou romper com essa concepção que julgava ser ultrapassada, a fim de repensar e propor uma nova noção de identidade brasileira.

A nacionalidade, que decorre do nacionalismo, é o sentimento de pertencer a uma cultura e/ou a uma nação. O debate em torno disso é o que está em voga. Há uma disputa entre todos os grupos que visam se destacar na hora de propor um projeto de nação. Nos permitimos adentrar nesse debate também.

Nessa edição, contamos com duas grandes entrevistas: João Felipe Gonçalves, professor do departamento de antropologia da FFLCH-USP, discute o que significa esse tão polêmico termo “nacionalismo”. Antonio Dimas, pesquisador sênior do IEB-USP, por sua vez, nos mostra aspectos pouco conhecidos de um dos nossos maiores autores, Gilberto Freyre. Além das entrevistas, a edição conta com diversos artigos que visam entrar na disputa que está rolando.

Afinal, sobrou alguma coisa da Semana de 22? Estamos vivendo uma nova independência ou é apenas mais uma mentira que está sendo contada? No fim de tudo, somos todos nacionalistas?

Esperamos que tenha uma boa leitura e, quem sabe, descubra que brasileiro você deseja ser.



3X22 NO CAFÉ FILOSÓFICO: A SEMANA DE 22.....	06
O NACIONALISMO E SUAS FACES. ENTREVISTA COM JOÃO F. GONÇALVES.....	09
NACIONALIDADE.....	15
INTERPRETAR É CONSTRUIR, POR NORBERTO DE ASSIS.....	16
GILBERTO FREYRE: REGIONALISMO E OBRA. ENTREVISTA COM ANTONIO DIMAS.....	19
DA NAÇÃO, POR ALAINE LIZANDRA.....	25
AINDA VIVE A SEMANA DE 22? POR ALEXANDRE MACCHIONE SAES.....	28
IMAGINANDO UMA NAÇÃO, POR NORBERTO DE ASSIS.....	31
A NOVA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, POR GIOVANE DIRENZI.....	34

# 3X22 NO CAFÉ FILOSÓFICO: A SEMANA DE 22

O Café Filosófico é um programa transmitido pela TV Cultura e é produto de uma parceria dessa emissora com a CPFL Energia (grupo do setor de energia do Brasil, com sede em Campinas). O projeto gerou três programas diferentes: o próprio Café Filosófico, o programa Invenção do Contemporâneo e o Balanço do Século XX, Paradigmas do Século XXI.

Em parceria com o Projeto 3 VEZES 22, foram idealizados módulos com diferentes temas relacionados à Semana de arte moderna, a fim de resgatar a história, pensar e discutir as influências deste movimento para a atualidade. Além disso, visa fazer a contextualização desta que foi uma revolução artística tão potente e que mobilizou diferentes esferas de âmbito nacional.

No primeiro dia do evento, em 09 de novembro de 2018, a professora Ana Paula Cavalcanti Simioni falou sobre as artes visuais no contexto da Semana de 22, com ênfase nas oscilações históricas das reputações de Anita Malfatti e Tarsila do Amaral desde a “Era Vargas” até a comemoração do cinquentenário da Semana de 22. Ana Paula Cavalcante Simioni é Professora Associada da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de

Sociologia, com ênfase em Sociologia da Arte e da Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: Mulheres Artistas no Brasil; Academismo e Modernismo brasileiros.

O segundo dia do evento, em 23 de novembro, contou com a participação do professor e crítico literário, Ivan Marques. O objetivo foi debater sobre as repercussões do modernismo no decorrer do século XX, mostrando suas enormes influências na cultura brasileira. Ivan Marques é professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Atua principalmente nos seguintes temas: Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Modernismo, romance de 30, poesia brasileira moderna e contemporânea, cinema e literatura.

Por fim, a professora Flávia Toni participou no terceiro e último dia do evento, em 30 de novembro. Foi discutida a dinâmica musical em meio às demais artes representadas nos três dias dos festivais da semana de 22 e suas reverberações culturais. Flávia Toni é Professora Titular (2009) da Universidade de São Paulo e pesquisadora no Instituto de Estudos Brasileiros, atuando principalmente nos seguintes temas: a literatura musical de Mário de Andrade, Modernismo e Música, Camargo Guarnieri: vida e obra, Et-

nomusicologia, Metodologia da Pesquisa em Música. Foi do Conselho Editorial da Revista do IEB entre 2017 e 2018 e é vice-diretora da instituição.

O evento terá uma reapresentação em tv aberta através do café filosófico na tv cultura e também pode ser conferido através do link do café filosófico no site da BBM [www.bbm.usp.br/node/403](http://www.bbm.usp.br/node/403).

FOTO: DIVULGAÇÃO CPFL



Prof. Flávia Toni

FOTO: DIVULGAÇÃO CPFL



Prof. Ana Paula Simeoni

FOTO: DIVULGAÇÃO CPFL



Prof. Ivan Marques



# O NACIONALISMO E AS SUAS FACES

ENTREVISTA  
COM JOÃO FELIPE GONÇALVES

**D**ocente do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o Prof. João Felipe Gonçalves concedeu ao BOLETIM 3X22 uma entrevista acerca das diferentes acepções do termo nacionalismo e como é construído a ideia de uma nação. Afinal, existe nação antes do nacionalismo? Será possível um mundo sem nações?

*3X22: O que é nacionalismo? O sentimento nacionalista só existe depois da criação da nação ou ele pode existir antes dessa construção?*

*João Felipe Gonçalves:* O termo nacionalismo tem diferentes significados para diferentes agentes sociais e políticos. Ele é muito usado não apenas no meio acadêmico, mas também no discurso público mais amplo, com significados muito diferentes. A minha perspectiva é a de um estudioso do nacionalismo, portanto, falo do nacionalismo como um conceito acadêmico nas ciências humanas em geral, e especialmente nas ciências sociais, baseada na definição de vários autores. Primeiramente, na definição de Benedict Anderson, mais conhecido como grande pai dos estudos contemporâneos sobre o nacionalismo, mas também de outros autores como Etienne Balibar, Richard Handler e Rogers Brubaker de diferentes disciplinas e tradições acadêmicas.

Nacionalismo para mim é um discurso, ou ideologia, caracterizado pelos seguintes pressupostos. Primeiro, o nacionalismo supõe a existência de um povo como sujeito coletivo unido por um conjunto de características, sejam elas culturais, linguísticas ou históricas. Segundo, supõe-se que esse povo tem o direito à autonomia política, à soberania: esse povo deve ser tanto o súdito do Estado quanto o seu soberano. Ou seja, o nacionalismo é essencialmente um discurso político. O terceiro pressuposto definidor do nacionalismo é que esse Estado e esse povo são geograficamente delimitados com fronteiras bastante claras: até um certo lugar preciso vai um certo povo e um certo Estado nacional, e depois dele começa outro Estado nacional ocupado por outro povo.

Isto é o que eu chamo de nacionalismo e o que quase todos os estudiosos contemporâneos de nacionalismo entendem por esse termo. Não se trata apenas de movi-

mentos marcados pela luta pela soberania, como, por exemplo, supostas nações que não são independentes ainda, como a Catalunha ou a ilha filipina de Mindanao. Também não se trata apenas de governos marcados pelo discurso xenófobo e anti-globalização e pelo fechamento de fronteiras, que vemos tanto hoje em dia.

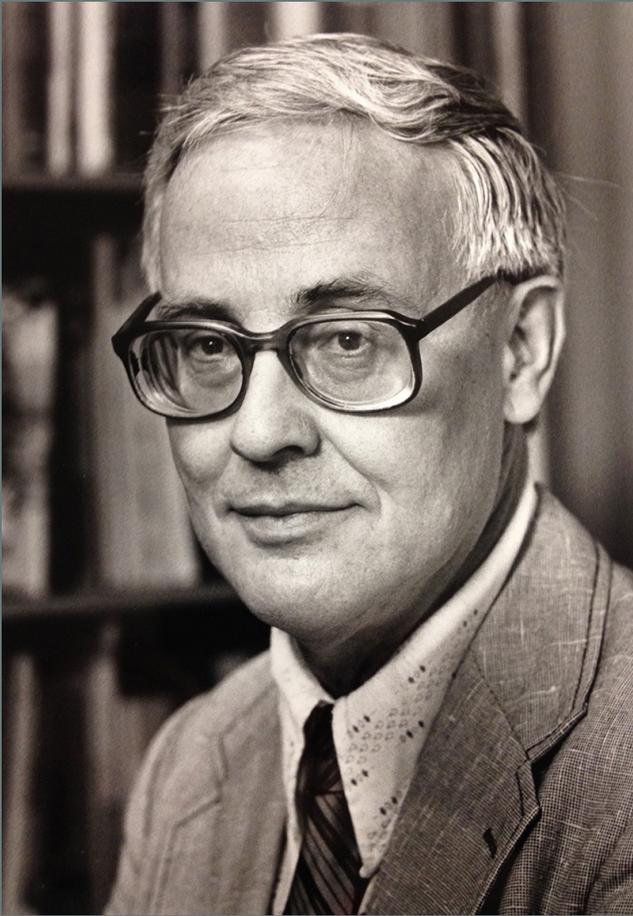
Nesta definição acadêmica do nacionalismo, qualquer Estado nacional é igualmente nacionalista, pois sua legitimidade está baseada na ideia de que o Estado representa um povo e age em nome deste; e que este povo e os Estados são geograficamente delimitados. Por exemplo, há uma praça localizada entre as cidades de Santana do Livramento e Rivera, que é dividida pela fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Uma das metades é pintada com as cores da bandeira brasileira e a outra com as cores da bandeira uruguaia porque, supostamente, ao passar de uma a outra você cruza uma linha imaginária e está em outro país. Embora haja um fluxo livre de pessoas por toda a praça, essa divisão é tão nacionalista quanto a construção de um muro entre o México e os EUA. O nacionalismo exacerbado, xenófobo, baseado em um controle de fronteiras e na preservação do mercado nacional, é apenas uma forma de nacionalismo no sentido antropológico do termo. Todos os Estados contemporâneos têm uma base nacionalista.

Nesse sentido, não pode existir uma nação sem nacionalismo. Esta perspectiva que eu mencionei pode ser chamada de construtivista na medida em que supõe que essas nações não existam se não imaginadas por alguém - imaginadas como povos geograficamente delimitados com direito à soberania. Sob essa perspectiva, é a imaginação nacionalista que cria as nações, e não o contrário. Isto é uma

característica básica do que chamo de “revolução andersoniana” - em referência a Benedict Anderson - que é muito famosa pelo conceito que ele criou, “comunidades imaginadas”. É curioso como muitos acadêmicos usam esse termo sem mencionar os dois outros aspectos que Anderson enfatiza: a nação é imaginada como limitada e como soberana. Nesse sentido, tradicionalmente, antes dessa revolução andersoniana, poderíamos dizer, por exemplo, que uma Alemanha que existia antes de ser nacionalista teve um governo nacionalista entre 1933 e 1945. Na perspectiva de Anderson, todos os governos daquilo que chamamos Alemanha, antes e depois do fascismo, inclusive a República Democrática Alemã e a República Federativa da Alemanha, eram e são nacionalistas justamente porque se definiam e se definem em termos nacionais. Não apenas as nações são criadas pelo nacionalismo, como elas não existem senão no imaginário nacionalista.

**“Nesta definição acadêmica do nacionalismo, qualquer Estado nacional é igualmente nacionalista, pois sua legitimidade está baseada na ideia de que o Estado representa um povo e age em nome deste.”**

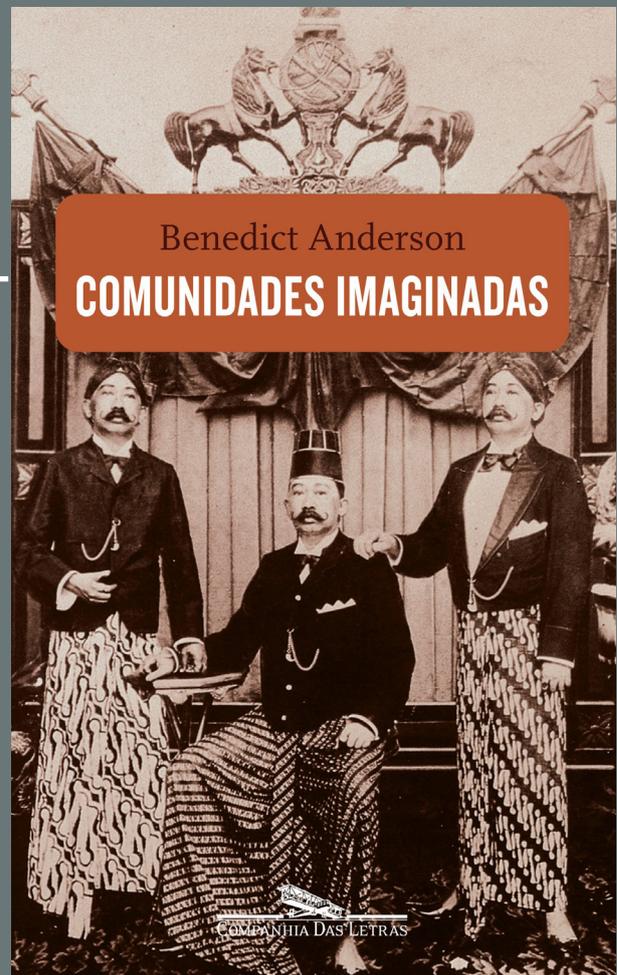
Algo que pode variar muito, claro, é o grau de expansão e de profundidade de crença na nação. Por exemplo, quando proclamada a independência brasileira, era um grupo muito diminuto que acreditava na existência dessa comunidade imaginada chamada Brasil. Pouco a pouco essa crença foi se expandindo - muitas



**Benedict Anderson (1936-2015) foi professor emérito da Universidade de Cornell (EUA). Cientista político e historiador, revolucionou os estudos de nacionalismo com o livro *Imagined Communities* (Comunidades Imaginadas).**

**Foto: site da Universidade de Cornell.**

**Capa da edição recente de *Comunidades Imaginadas*, publicada no Brasil pela editora Companhia das Letras.**



vezes de forma bastante violenta, como no caso das revoltas do período regencial, mas geralmente de forma gradual e cotidiana – levando à consolidação e generalização da ideia que existe um povo brasileiro que detém ou deve deter a sua soberania.

Então, o que existe são diferentes graus de consenso sobre a existência de uma nação; por exemplo: Porto Rico existe como nação? É difícil saber. Não existe um Estado nacional portorriquenho, mas na imaginação de quase todos os portorriquenhos existe uma nação chamada Porto Rico, mesmo que o movimento independentista seja diminuto e impopular na ilha

*3X22: Muitos anteciparam o chamado “fim do nacionalismo”, isto por conta da globalização e de um mundo mais aberto em suas fronteiras; porém, o que se tem visto é um avanço enorme dessas mesmas fronteiras e uma xenofobia justificada justamente pelo “bem nacional”. Por que isso aconteceu? Há perspectiva de um mundo sem nacionalismo?*

*J.F.:* Essa euforia com a grande narrativa da globalização, como algo que traria o fim de fronteiras nacionais e das nações devido a um trânsito cada vez maior de pessoas, bens e informações, surgiu – ou pelo menos se exacerbou – com o final da Guerra-Fria entre os anos 1980 e 1990, quando a ideia de um mundo dividido entre capitalismo e socialismo deu lugar à ideia de um mundo sem fronteiras. Existia uma certa euforia em relação a isso e, surpreendentemente, muitos acadêmicos ainda acreditam até hoje que essa globalização gerará um mundo sem nacionalismos.

Pode-se dizer que essa ideia está sendo constantemente contradita pela realidade. Não apenas no caso do que chamo de nacionalismo “hard”, isto é, o nacio-

nalismo xenófobo, no sentido mais forte e comum do termo, como também no nacionalismo no sentido mais amplo, ou seja, no nacionalismo como termo acadêmico, que eu utilizo. Pegando exemplos do primeiro caso: existem hoje inúmeros movimentos separatistas e cada vez mais há governos protecionistas que colocam o sentido de nacionalidade no centro de seus discursos e políticas. Esse discurso idealizado de fim de fronteiras, fim das nações, começou a ser falsificado já com a Guerra dos Balcãs um pouco depois do surgimento dessa euforia. A Guerra da Croácia, a Guerra da Bósnia e outras são grandes exemplos da persistência e mesmo crescimento do nacionalismo.

Pensando nisso, a imaginação global é muito curiosa: ao invés de ver esses processos como um claro exemplo de que a globalização não leva necessariamente ao fim das fronteiras, eles os veem como anomalias, próprias de lugares específicos, vistos como problemáticos. Contudo, observa-se que o nacionalismo no sentido estrito se espalhou pelo mundo todo nas últimas décadas, e não apenas nos casos de guerras e separatismos, mas também nesses famosos governos nacionalistas fortes. Estou pensando nestes populismos contemporâneos atuais, que são nacionalistas no sentido “hard”, que transcendem as diferenças entre direita e esquerda, entre democracias e ditadura. Vemos exemplos disso hoje na Hungria, Turquia, Venezuela, EUA e no Brasil, entre outros lugares. Há uma proliferação de movimentos e regimes que não apenas são nacionalistas no sentido amplo e brando do termo, mas também são nacionalistas no sentido estrito e forte, isto é, de valorizar a nação acima de tudo, de um patriotismo muito explícito na valorização de símbolos nacionais e, no limite, de políticas xenófobas. Infelizmente não

há sinal de que a globalização esteja levando a um enfraquecimento desse tipo de movimentos e de regimes políticos, muito pelo contrário.

“... ao invés de ver esses processos como um claro exemplo de que a globalização não leva necessariamente ao fim das fronteiras, eles os veem como anomalias, próprias de lugares específicos, vistos como problemáticos.”

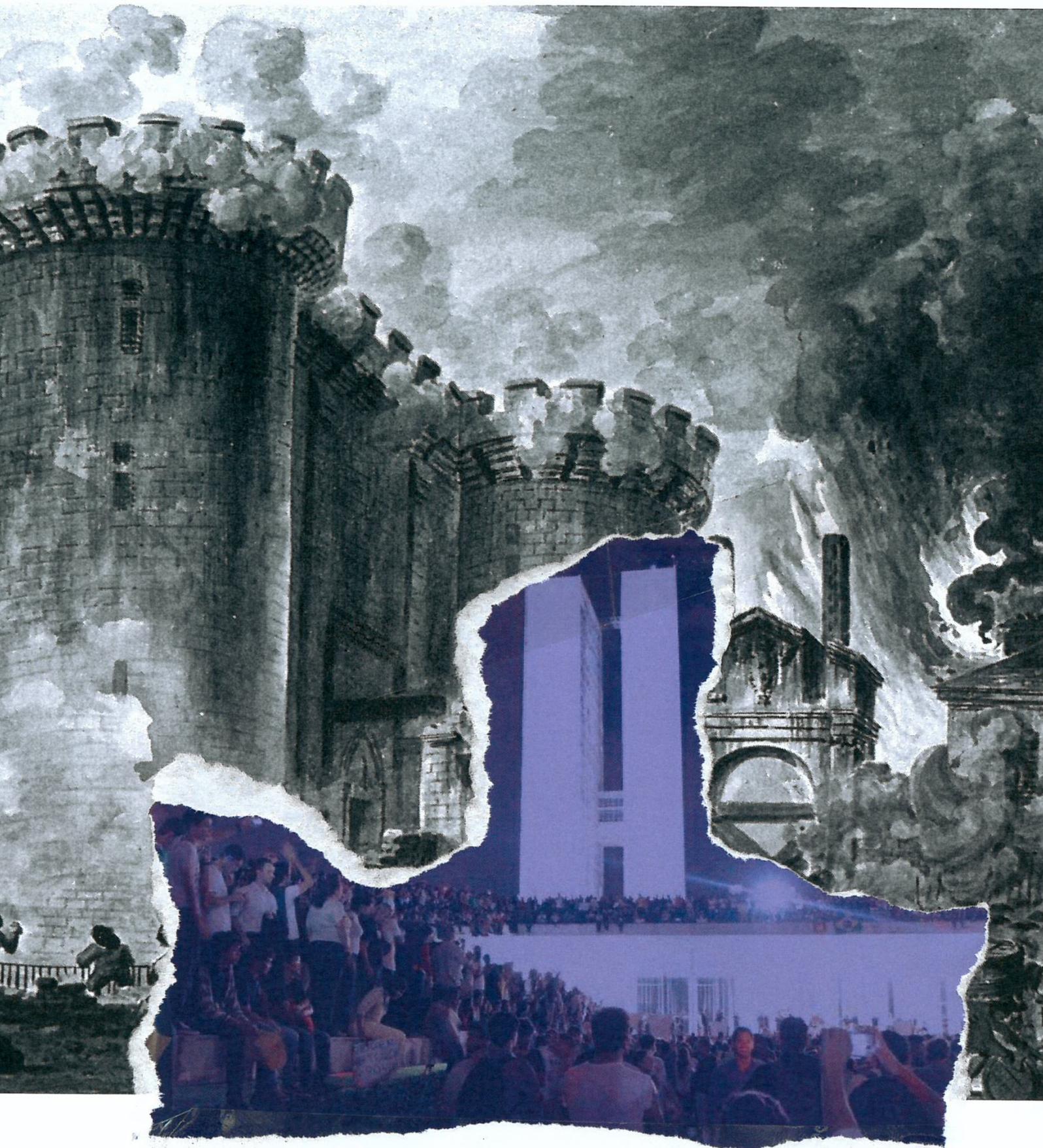
Além desse nacionalismo nesse sentido “hard”, estrito, a globalização tampouco levou ao fim do nacionalismo no sentido andersoniano, que se poderia chamar de “brando” e amplo. Este nunca deixou de ser uma ideologia hegemônica com a globalização, ao contrário de que os teóricos da globalização esperavam. Posso citar como exemplo a cidade de Dubai, onde apenas 10% da população é oriunda dos Emirados Árabes Unidos. A gigantesca população migrante que vive naquela metrópole se identifica em termos nacionais: as pessoas ali se veem e são vistas como paquistanesas, indianas, filipinas, ugandenses etc., ou seja, a identificação nacional persiste no dia-a-dia. Existe um livro muito interessante, do antropólogo Takeyuki Tsuda, sobre brasileiros de origem japonesa, que foram morar no Japão na crise dos anos 1980 e 1990, que se tornaram muito mais brasileiros, isto é, desenvolveram um sentido de identidade nacional muito forte lá no Japão. Esses migrantes começaram a fazer feijoada, abriram escolas de samba - coisas que eles não fariam ou nunca tinham feito no Bra-

sil. Este é um caso muito comum de criação e valorização de elementos nacionais na diáspora, e mostra como, na verdade, a experiência de globalização não gera necessariamente identidades pós-nacionais, mas pode inclusive fortalecê-las.

A globalização, portanto, não leva ao fim do nacionalismo, pelo menos não levou até agora. Não há sinais disso acontecer em nenhum dos dois sentidos do termo “nacionalismo” de que tenho falado aqui, nem no de identidades exclusivistas, que engloba xenofobia, separatismos, protecionismos, nem no sentido mais leve do termo, de que a humanidade seja vista como dividida entre diferentes nações. Mas quero ressaltar, e esse talvez seja o meu ponto mais importante, que a base desse nacionalismo duro, no sentido mais estrito, é o nacionalismo no sentido mais amplo e “light”. Se não existisse, por exemplo, a ideia de Hungria, não existiria um movimento político e um partido que argumenta que a Hungria deve ser etnicamente preservada, proteger as fronteiras de refugiados, e até expulsar suas minorias étnicas.

---

João Felipe Gonçalves é doutor em Antropologia Sociocultural pela Universidade de Chicago e professor do departamento de Antropologia da FFLCH/USP.



**N**ACIONALIDADE, mais do que indicar de qual país você é cidadão, é um sentimento de pertencimento cultural. O que é ser brasileiro? Como nos vemos? Essas questões fazem parte do cerne que compõem o que chamam de brasilidade: futebol, carnaval, malandragem, entre outros. Ao definir todos esses termos, criamos o estereótipo, o tipo-ideal, do brasileiro.

Como já é de se esperar, a nacionalidade não foi criada do dia para a noite. Esse sentimento de pertencimento só pôde existir graças ao nascimento de nações. “Criada” no fim do século XVIII, pela sua famosa revolução, a nação francesa é considerada como a primeira nação moderna nos moldes que seguimos hoje. O caráter nacional, manifestado por palavras que exprimiam esse sentimento comum (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), foi um dos estopins para a revolução ser bem sucedida. De igual maneira, nacionalidade também foi uma das grandes justificativas para a revolução estadunidense contra a metrópole inglesa. O contexto obrigou as 13 colônias a se juntar em contra um inimigo comum e deu início ao que chamamos de EUA hoje em dia. Outro exemplo, de igual importância, é a praticamente desconhecida Revolução do Haiti. Esta revolução escrava que libertou os haitianos da colonização francesa precisou de uma forte coesão entre os entes de seu povo, ou seja, um sentimento comum de pertencimento, para derrotar os colonizadores.

No Brasil, em contraste, pelo menos a partir de uma das interpretações dominantes da historiografia, a construção da nacionalidade foi um processo mais lento. Antes de sua independência não existia a brasilidade, até porque não existia o que chamamos de Brasil. Quando D. Pedro decidiu juntar o território da então colônia de uma maneira burocrática, o Brasil é criado sem esse sentimento. Houve muitas dissidências nesse processo, justamente por conta de que os habitantes desse território não se sentiam como brasileiros. Com o tempo e com muito conflito o caráter nacional nasce com a criação de diversos símbolos, como estruturas, instituições, livros e pinturas - grande parte por conta do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, que norteou quais desses símbolos seriam consagrados. Muitos exemplos podem ser citados, como as esculturas que recheiam nossas praças, os museus que contam a história do Brasil, nossas bandeira e o hino. Romances, como os de José de Alencar, e os ensaios de “interpretação nacional”, como os de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, ajudaram a criar coesão interna a partir de um sistema de símbolos que passaram a pertencer a todos que estão inseridos nas fronteiras brasileiras.

O importante tema da nacionalidade começa a pairar toda a história do Brasil a partir de sua independência. Também foi uma das grandes justificativas dos nossos movimentos artísticos, como o modernismo. Além disso, até hoje não deixamos de discutir sobre esse suposto pertencimento. Você sabe o que significa ser brasileiro? Pergunta difícil, sabemos. Por essa razão, é necessário continuar o debate. Esperamos que as próximas páginas ajudem-no a encontrar parte da resposta.

# INTERPRETAR É CONSTRUIR

POR NORBERTO DE ASSIS

Muitos autores da história brasileira levantaram suas penas e penaram na tentativa de elaborar uma interpretação nacional. Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Prado, Oliveira Vianna, Darcy Ribeiro e tantos outros digladiaram-se pela hegemonia da definição do caráter do homo-brasileirus. O brasileiro é cordial ou mordaz? Alegre ou triste? Povo dócil ou inflamado? Independente de qual dessas definições é a correta, o mais importante é que foram maneiras de construir o mesmo povo que os autores tentaram entender. Interpretar uma suposta identidade nacional não é criação nossa e, tampouco, exclusiva. Diversos outros autores se debruçaram sobre isso antes dos brasileiros. Victor Hugo (1802 - 1885) é um bom exemplo de escritor que fez uma interpretação do seu país por meio de suas obras literárias e que não necessariamente constituiu a realidade francesa tal como era em sua época. Sua maior obra, *Les Misérables*, é praticamente uma forma de construção do povo francês. Seus personagens marcaram todo o imaginário do mundo sobre os franceses e também dos franceses sobre sua consciência nacional. Se pararmos para observar, a nação que Victor Hugo elabora é fruto de sua imaginação,

mesmo que tenha um arcabouço histórico por trás, sobre um certo caráter nacional que se transborda para outros. Mesmo que sua intenção não fosse fazer isso, é impossível escapar da influência que ele exerceu na constituição de sua nação. É bem comum encontrarmos por aqui diversas pessoas que falam como o brasileiro tipo-ideal deveria ser. Certamente, você deve conhecer algum parente ou conhecido que diz que o brasileiro é... (insira aqui qualquer adjetivo que já tenha escutado). Afinal, de onde veio isso? Essa construção que as pessoas normalmente fazem não pode vir estritamente de suas cabeças; posso afirmar que essas definições são construções históricas que demandaram diversos atores para serem construídas. Imagine que no começo do Brasil (que nem se chamava Brasil) as pessoas que aqui viviam não tinham uma identificação com esse território (tirando, é claro, os povos originários que já estavam neste lugar há muito tempo). Como disse o escritor e professor Silviano Santiago, de modo geral, os brasileiros viviam “em pequenas comunidades, rurais na maioria dos casos, não de maneira completamente indiferenciada à semelhança de animais num conglomerado, mas em situação social amorfa, que beirava muitas vezes o caos. Essa situação não deixava de ser preocu-

COLEÇÃO  
DOCUMENTOS BRASILEIROS

DIRIGIDA POR GILBERTO FREYRE

1

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

# RAIZES DO BRASIL



Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

GILBERTO FREYRE

# CASA-GRANDE

&

# SENZALA

pantemente negativa para os que tinha o ideal de nação”. Pense que a partir dessa situação, num contexto de pouquíssima coesão entre os habitantes do território, seria muito complicado criar uma nação. Dessa maneira que, então, as obras de interpretação do Brasil obtiveram algumas peculiaridades: os livros escritos à cada espaço de tempo não só traziam uma nova roupagem àqueles habitantes soltos pelo mapa, como hierarquizaram os supostos problemas que o lugar enfrentava e as supostas formas de resolvê-los. Dos primeiros textos escritos pelos portugueses a respeito da Terra Nova aos famosos *Casa-Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*, assim como no exemplo de Victor Hugo, referenciado acima, há sempre uma característica em comum, mesmo que inconscientemente: a ideia de utilizar uma interpretação pessoal do contexto para definir características comuns. Bons exemplos concretos disso são passíveis de se encontrar em passagens dos primeiros autores portugueses que se incumbiram de escrever sobre o Brasil. Na interpretação de Pero Vaz de Caminha, era muito interessante notar o valor simbólico europeu que ele atribuía a certos aspectos indígenas, como, por exemplo, a organização política das tribos. Segundo Santiago, os portugueses enxergavam os indígenas com uma imagem cordial (o que lembra certos autores brasileiros séculos depois). Esse eurocentrismo permeou grande parte da interpretação nacional; os valores europeus estabelecidos há diversos anos eram comparados com os valores incertos e nebulosos do Brasil. O mais curioso e cômico é que essa transposição de valores de uma cultura a outra criou tanto o processo de interpretar como o processo de construir uma cultura e uma nação. Quando esses valores e características dadas são absorvidas pelos habitantes de

um território é que os mesmos começam a compartilhar o ideal de uma característica comum entre eles e a constituir a “comunidade política imaginada” que Benedict Anderson descreve em sua obra. Enfim, só depois dessa consciência coletiva produzida é que começam a aparecer os autores canônicos que fazem o “brasileiro ser brasileiro”. Quer você concorde ou não com que o Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes escreveram em sua época, é necessário que se entenda a importância deles na construção do que somos. As críticas às obras devem existir sempre, até porque a nação mudou, e muito, de lá para cá. Entretanto, mesmo que tenha mudado, muito do que eles escreveram ainda são compartilhados por nós. O seu parente chato falando que o brasileiro é isso ou aquilo é reflexo do que essas pessoas falaram há muito tempo e da disputa em determinar quais desses autores seriam legítimos para isso. Contudo, não se preocupe, isso não quer dizer que o povo daqui seja qualquer uma dessas definições propostas; afinal, existem tantas interpretações do que é ser brasileiro; por que se atentar a uma delas que não é de seu agrado? Pegue seu livro favorito sobre Brasil e vá discutir com eles! A construção da nação nunca parará desde que estejamos dispostos a interpretá-la.

---

Norberto de Assis é graduando em Ciências Sociais pela FFLCH/USP.

# GILBERTO FREYRE: REGIONALISMO E OBRA

ENTREVISTA  
COM ANTONIO DIMAS

**E**x-Professor Titular de Literatura Brasileira na FFLCH-USP e atual Pesquisador Sênior do IEB/USP, o Prof. Antonio Dimas falou ao BOLETIM 3X22 sobre aspectos da vida e da obra regionalista daquele que é um dos nossos maiores intelectuais de todos os tempos: Gilberto Freyre.

*3X22: Como o Manifesto Regionalista foi impactante para a carreira de ensaísta/escritor de Gilberto Freyre e para o panorama da época?*

*Antonio Dimas:* Há uma polêmica em relação à publicação do manifesto. Houve uma grande reunião em Recife em meados da década de 20 e Gilberto tinha acabado de chegar dos Estados Unidos - onde tinha estudado em Columbia. Nesse encontro (lembre-se de que Gilberto nesta época ainda era um jovem de apenas 22 anos) ele convoca algumas figuras importantes do meio intelectual nordestino para falar sobre a cultura do Nordeste, como por exemplo diretores de jornal e médicos importantes. São entregues pautas para estes intelectuais perguntando se poderiam falar sobre diferentes assuntos ligados às suas áreas. Essas pessoas, ao final, depois se reúnem no famoso Congresso Regionalista de Recife e é neste evento que Gilberto põe em andamento a carruagem da publicação do Ma-

nifesto. Outro ponto é que em 1925, ele é convocado para fazer um número comemorativo de um jornal do Recife, mas ao invés de fazer um número comemorativo de louvação para o jornal, Gilberto chama pessoas para fazerem depoimentos ou artigos a respeito de determinados itens específicos da cultura do Nordeste. Quando eu falo cultura, não falo necessariamente da cultura literária, religiosa, artística, mas cultura num sentido muito amplo. Decorre disso a amplitude de temas abordados, como, por exemplo, um cidadão que vai falar de aspectos da arquitetura urbana do Recife, outro que vai falar sobre a cozinha regional e etc. A visão de Gilberto foi focada nos temas nordestinos.

Ele não chama a atenção do Centro-Sul. Sabemos que historicamente, desde que a capital foi para o Rio de Janeiro, um dos desequilíbrios daqui, infelizmente, há uma centralização parcial do Brasil, isto é, o papel determinante do Rio e de São Paulo



sobre determinado assunto. Se até hoje as grandes câmaras de eco do país ainda são esses estados, naquela época era pior ainda. Eu não me lembro de algum jornal no sul, no RJ ou em SP, que tenha pontuado a existência de algum congresso regionalista no Recife, que tenha discutido os assuntos nordestinos de determinada importância. A repercussão do congresso ficou concentrada apenas no Recife. Já que o Congresso não alcançou grande repercussão fora do Recife, pergunto-me, então, em contrapartida, qual foi a repercussão da grande Semana de 22 em São Paulo? Isto é, todo mundo ficou sabendo dessa semana? Ela aconteceu numa semana, em 3 ou 4 dias, e as cidades em torno tiveram conhecimento dela? A Semana mexeu com as pessoas ou foi também igual ao congresso regionalista? Claro que, com o tempo, a repercussão foi aumentando no caso da Semana de 22. Isso em grande parte pela difusão feita pela Universidade de São Paulo, que a partir dos anos 60, começou a dar grande atenção à Semana, sobretudo com relação à literatura.

Tendo em vista isso, Gilberto Freyre torna-se conhecido a partir do Congresso e da publicação do *Manifesto Regionalista*. Agora, é natural um moleque de 22 anos, incendiário, como deve ser todo jovem dessa idade, que acabara de voltar de um longo intercâmbio de 4 anos nos EUA, ter sido visto com desconfiança por seus adversários por conta de suas ideias. Disseram, inclusive, que Gilberto era um “fruto bichado da cultura ianque”, um garoto boêmio, entre outras coisas. Ou seja, ele era uma pessoa que incomodava o sistema. Claro que, por ser incômodo, houve muita disputa interna também dentro de Recife em torno das ideias que Gilberto carregava e isto se relaciona muito com sua trajetória desde o *Manifesto Regionalista*.

*3X22: Por que Gilberto Freyre escolheu atrelar informação científica, observação apurada e graça estilística no Manifesto e de que maneira isso o caracteriza?*

A.D.: Gilberto possuía uma peculiaridade muito grande que até os dias de hoje me fascina. Quem lê com atenção as obras dele, sobretudo *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, vai ver que são, pra mim, os mais fortes exemplos do seu jeito de escrever com essa graça estilística. Ele era um bom leitor de literatura, conhecia muito bem artes plásticas e tinha conhecimento de ciências sociais (por conta de seus estudos nos EUA, na importante Universidade de Columbia, um dos mais importantes berços para as ciências sociais). Quando lemos as memórias dele, descontando a sua grande vaidade de escritor, você via que ele convivia com pessoas de altíssimo calibre em Columbia - havia, além dos norte-americanos, muitos intelectuais europeus que vieram à universidade depois da Primeira Guerra. Gilberto realmente consegue misturar todas essas áreas do conhecimento e, além disso, escrevia muito bem. Ele mesmo costumava dizer que preferia ser conhecido como escritor, muito mais do que ser conhecido como sociólogo ou antropólogo. Gilberto, afirmo, conseguia ser tudo isso ao mesmo tempo.

Freyre juntava todo esse conhecimento vasto adquirido e o vazava através de recursos literários extraordinários. Ele inovou realmente a língua portuguesa daquele momento - a língua portuguesa do Brasil, é claro. Como não poderia ser diferente, essa revolução literária que ele provoca, assim como Mário, Oswald, José Lins do Rego provocaram, causa um impacto justamente por essa “graça estilística” no seu jeito de escrever. Ele era capaz de mostrar uma realidade social, econômica e histó-

rica com romantismo, sem romantismo, com saudosismo, sem saudosismo, de uma forma nova. Dou um exemplo concreto disso: tem uma passagem no *Casa-Grande & Senzala* que parafraseio agora, em que ele dizia que os jesuítas que chegavam no Brasil, vindos de Portugal para colonizar o território, mal desciam das barcaças na beira da praia e já atolavam os pés em carne de índia nua. Devia ser uma espécie de “festa” mesmo. Uma festa dos dois lados: os portugueses curiosos, todos eles vestidos e arrumados descendo dos barcos, vindo do frio, com aquelas roupas de veludo e com um corpo cheio de pêlos, encontrando aqueles indígenas nus, sem pelo, andando para lá e para cá na praia. Os dois lados devem ter ficado muito surpresos, tanto os índios como os portugueses. Imagine o português atravessando o mar, dois meses a seco, e quando chega em terra encontra aquele bando de índia pelada: os dois lados curiosos, para ver se aqueles que acabavam de chegar ou de encontrar, eram mesmo de carne. Porque de osso, não precisava. Não foi o “encontro dos corpos”?

Acho que ele tinha uma facilidade muito grande de escrever daquele jeito, já que lia todos os romancistas e poetas a que tinha acesso. Creio que essa união que ele faz entre a preocupação estilística e a preocupação informativa e analítica é o que dá a peculiaridade do texto de Gilberto Freyre. Se você pegar os textos de um Silvio Romero, de um Oliveira Vianna, por exemplo, esses intelectuais brasileiros, que antes ou durante a vigência de Gilberto, que escreveram sobre o Brasil, você nota que seus textos são secos e muito ranhetas. Esses autores subiam em cima de uma tribuna e ditavam as regras do jogo daquilo que queriam descrever ou analisar. Por outro lado, ele possuía uma forma de escrever muito envolvente, que seduzia o leitor. A

imagem preferida que tenho de Gilberto Freyre, aliás, é uma imagem muito pouco acadêmica, como a de um autêntico “balaio de caranguejo”: quando você puxa um caranguejo, você nunca sabe o que vem junto e nem quantos vêm. Às vezes vem um e, às vezes, vêm vários, de tamanhos e de cores variadas. Sua obra é como esse balaio de caranguejo: uma surpresa constante, mesmo relendo-a inúmeras vezes.

“Ele mesmo costumava dizer que preferia ser conhecido como escritor, muito mais do que ser conhecido como sociólogo ou antropólogo. Gilberto, afirmo, conseguia ser tudo isso ao mesmo tempo.”

A obra de Gilberto, então, se valia de muita informação e de uma leitura extraordinária dos eventos. Às vezes ele era até um pouco farfahante demais, porém eu creio que a sua grande novidade está exatamente nisso: aliar essa informação científica e bibliográfica, que ele possuía de monte, com essa tentativa de seduzir pela escrita, provocando, por consequência, uma forte imersão quando lemos seus livros.

---

Antonio Dimas é Ex-Professor Titular de Literatura Brasileira na FFLCH-USP e atual Pesquisador Sênior do IEB/USP.



Foto: Ana Maria Costa Fraga/Pinterest

1900 - Nasce em **Recife**, Pernambuco, Gilberto Freyre.

1922 - Começa o mestrado na **Universidade de Columbia**, EUA. Onde conhece, entre tantos intelectuais, o antropólogo Franz Boas, que exerceu grande influência em sua obra.



Foto: Estudarfora.org



Foto: Lucas B. Salles/Wikipedia

1923 - Em viagem pela Europa, convive com diversos artistas, entre eles Tarsila do Amaral e **Victor Brecheret**.

1933 - Publica sua mais conhecida e importante obra, **Casa-Grande & Senzala**.



Foto: Acervo BBM

1946 - Eleito deputado federal pela UDN, participa da **Assembleia Constituinte**, permanecendo na casa por apenas um mandato.



Foto: Tse.jus.br

1987 - **Morre Gilberto Freyre** na mesma cidade em que nasceu, Recife.

maio\_2019

café filosófico cpfl

na tv



**semana de 22: história e legado**  
curadoria: marco antônio de Moraes

a semana de arte moderna, realizada no teatro municipal de São Paulo em fevereiro de 1922, tornou-se importante marco cultural, ao propor uma atualização da literatura, das artes plástica e da música no Brasil. esta série, em parceria com o projeto **3 vezes 22**, da **biblioteca brasiliiana guita e José mindlin** (bbm-usp), pretende recuperar a história da semana de 22, refletindo criticamente sobre as suas propostas, suas efetivas realizações e o seu legado, em termos de reverberações, em amplo espectro.

**26/05 | dom | 22h**  
**semana de 22: história e legado**

a literatura na semana de 22  
com Ivan Marques

**02/06 | dom | 22h**  
**a música na semana de 22**  
com Flávia Toni

**09/06 | dom | 22h**  
**artes visuais na semana de 22**  
com Ana Paula Cavalcanti Simioni

reprises às segundas, após o roda-viva



patrocínio



apoio



realização

MINISTÉRIO DA  
CIDADANIA



# DA NAÇÃO

POR ALAINE LIZANDRA

**O**lha, acredito que existam pelo menos dois tipos de nacionalismo: aquele pros estrangeiros e o outro pra nós. O autoconhecimento é sempre difícil, né? Imagem de brasileiro pra gringo a gente sabe bem qual é. Eis o gringo (leia com o devido sotaque): caipirinha, carnaval, clima tropical, praias, mulheres bonitas e bronzeadas, o povo é sempre muito alegre... Aah, e que espertinhos, eim?! O famoso “jeitinho brasileiro”! Brazil is very beautiful, but there is a lot of violence... Obrigado!

Na real, existe muito além disso e nós BR's, sabemos bem, pois são vários Brasi's no Brasil.

Em São Paulo, trem é um pesadelo diário. Em Minas Gerais qualquer trem é qualquer coisa e qualquer coisa pode ser um trem, uai! No Rio Grande do Sul, eu diria que o arroz carreteiro que a mãe faz é tri bom! Na Bahia eu falaria sobre a delícia que é o vatapá de mainha... Em Brasília cê escolhe: pode passear pela cidade de baú, mas também dá pra ser mais fitness e se deslocar de camelo! Borimbora pra Belém do Pará que tem um tacacá que é Pai d'égua! E da Bossa Nova ao baile funk, do morro ao axfalto, é cada praia que merrrão... Vô fala pra tu ó: o Rio de Janeiro continua lindão! Tudo isso e

muitíssimo mais é Brasil!

É tão obvio que nem deveria estar no texto, porém, todavia, entretanto, é bom lembrar: paulistano tem sotaque sim!!! Tem inclusive dialeto... Daí, eu tava escrevendo esse texto, né mano, quando penso que não, me vem na mente que ser brasileiro é uma fita bem loca de explicar, tem a vê com bagulho de miscigenação, tá ligado? Ser BR tá no sangue. Se pá, as mistura toda é que torna o Brasil uma nação, o role de ser brasileiro é issaí tio... Mó fita né, mano?

Vamos agora esclarecer as motivações para as cores da bandeira: com certeza o verde representa as matas, o amarelo é o ouro, o azul... Ah, o azul tá óbvio, né gente? É que Brasil é nome masculino né, todos sabemos agora que o azul é a cor só dos meninos! Mas sabe o motivo de essa bandeira não fazer mais sentido? Bom, além da associação imediata com determinados tipos de reações. E lembra das matas? Grande parte está sendo desmatada pelos agronegócio tudo. Agro é pop! Não, o agro é tóxico. E o ouro? O ouro foi passear na Europa e passa bem por lá, diz que sente falta da família, mas de resto...

Engraçado que uma cor que não tem na bandeira é o vermelho... Calma, não quero sugerir nada demais com isso, são tem-

**PRATO**



**AMADO**



**BRASIL**



pos difíceis, eu sei... olha, nada contra o verde e amarelo viu? Até que orna com bastante coisa, ambas misturadas dão no tom exato do sapo que a gente não vai engolir... Eu nem gosto de sapo mesmo... Mas uma bandeira dessas deveria ter vermelho sim, oras, não há nada nela que simbolize a matéria mais abundante deste país e não estou nem me referindo à água, mas sim, ao sangue.

Sangue dos próprios donos da terra, estes que chamamos de “índios” nome dado pelo opressor. Posso eventualmente usar essa nomenclatura porque a gente naturalizou isso, mas farei as devidas problematizações: não dá pra misturar as diversas etnias nativas no mesmo balaio, foi assim que iniciaram o apagamento da história destes povos e da mesma forma fizeram no continente africano. Quando o português chegou, munido de uma bruta fúria, matou o “índio”, que pena... Fossem antes alertados do perigo iminente, os nativos teriam expulsado o português! Poxa Oswald, quem dera a ausência de roupas fosse a solução para breçar o ímpeto do colonizador em explorar e destruir absolutamente tudo. Isso foi em 1500 e os “índios” lutam sem descanso até hoje.

Além disso, há sangue dos negros sequestrados: diversos povos trazidos do continente africano para serem escravizados aqui. Petróleo aqui é a grande quantidade de sangue derramado que penetrou os solos do Brasil, aqui a carne mais barata do mercado continua sendo a carne negra e nós sabemos bem!

Veja bem: a terra não pertence a ninguém, logo, a terra é de todos, certo? Certo! Aí homens brancos, hiper vestidos, peludos e com escorbuto decidem se apropriar da terra... Vocês que acreditam na meritocracia conseguem ver algo de errado aqui? Pois é, eles não pagaram pela terra,

se apropriaram dela, mataram, estupraram e ainda surrupiaram muitas coisas. Depois os herdeiros destas terras continuaram ricos e querem vender a ideia de que “o trabalho dignifica o homem”. Eu compreendo, portanto, o motivo de muitos burgueses não serem dignos. E hoje ainda têm coragem de criminalizar movimentos como o MST... Justiça incoerente e seletiva, me parece que não mudou muito de 1500 para 2019! É tanto sangue jorrando neste país que até atraímos vampiros para cargo de presidência... Uau, que caminhos sombrios estamos tomando neste texto! De variações regionais a injustiças e violência: o Brasil é tudo isso mesmo.

Prato amado Brasil: feijão acima de tudo, farofa acima de todos! (há quem discorde da disposição, mas a ordem dos fatores não altera o progresso! Será?)

---

Alaine Lizandra é graduanda em Letras pela FFLCH/USP.

# AINDA VIVE A SEMANA DE 22?

POR ALEXANDRE MACCHIONE SAES

**A**s comemorações dos noventa anos da Semana de Arte Moderna se deram num ambiente nacional de significativo otimismo. Em 2012 o Brasil vivia seus últimos respiros de uma fase de crescimento econômico, e, acima de tudo, de desfrute de um projeto político de transformação social que parecia ter se estabelecido definitivamente no país. No campo político as disputas eram muito mais em torno de quem teria a paternidade por aquele Brasil que teria encontrado a receita para superação de seu passado do que de disputas por agendas políticas que sugeriam a necessidade de uma mudança completa de curso.

Mesmo com a crise econômica internacional de 2008, as medidas implementadas pelo governo Lula para estimular o mercado interno asseguraram uma sobrevivência do modelo de crescimento do país. Mesmo que precariamente, o crescimento econômico permitia a promoção de políticas sociais que davam a expectativa de superação de velhos impasses da sociedade brasileira. Tanto o governo como analistas buscaram recuperar o velho e empoeirado conceito de meados do século XX, alegando que um novo projeto desenvolvimentista estaria em vigor. Nesse ambiente de ganhos sociais efetivos, as-

sim como de sensação de transformação estrutural exacerbada, o projeto de Brasil moderno mais uma vez parecia estar próximo de ser alcançado.

A sensação de que a modernidade se aproximava parece ser recorrente de nossa trajetória nacional. Possivelmente, essa sensação apareceu no final dos anos 1950, ou mesmo em meados dos anos 1970, mas, como sempre, tais percepções de modernidade rapidamente se dissiparam como miragem, tanto com o golpe militar de 1964, como com a crônica crise econômica dos anos 1980. O Brasil moderno esperado, em que sua sociedade poderia desfrutar dos benefícios existentes em sociedades de um seleto grupo de países desenvolvidos, perdia-se para a realidade de atraso, desigualdade e fragilidade econômica. Passado o otimismo dos ganhos materiais com a acelerada industrialização entre 1950 e 1970, restava o país real. Como uma coleção de recorte de imagens coladas na parede, ruptura e continuidade se misturaram nas leituras e interpretações de cada conjuntura.

Ilustração do ambiente de comemoração dos 90 anos da Semana de Arte Moderna, duas publicações de 2012 nos parecem bastante simbólicos. A marca da permanência e de valorização das heranças de 1922 naquela efeméride saltam os olhos



# 404

Page not found

The Page you are looking for doesn't exist or another error occurred.  
[Go back](#) or head over to [Scass Tech](#) to choose a new direction.

no próprio título das obras publicadas por Frederico Coelho e Marcos Augusto Gonçalves: para o primeiro, *A semana sem fim*, para o segundo, *1922: a Semana que não terminou*.

Em suma, num país em que as esperanças estavam a floradas, a retomada dos antepassados parecia dar os devidos créditos aos personagens que teriam encontrado as verdadeiras raízes brasileiras. Frederico Coelho, por exemplo, narra como mesmo depois de passados noventa anos da semana, “as histórias e as imagens do Modernismo tornaram-se parte do cotidiano brasileiro”. Para o autor, os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso, assim como os outros dois de Luiz Inácio Lula da Silva, cada qual ao seu modo, teriam reivindicado valores e ideias que precisavam ser resgados do modernismo.

Marcos Augusto Gonçalves é um pouco mais crítico ao legado da Semana de Arte Moderna em sua conclusão. Ao advogar que vivíamos um período de revisão da narrativa histórica sobre o modernismo, mostrava como academicamente estávamos numa fase em que as perspectivas renegadas passavam a ser valorizadas. A Semana não seria somente de São Paulo, tampouco somente das personagens canonizadas. Não obstante, se o autor questionava a versão glorificada, não coube uma reflexão se o sentido da Semana estava preservado após noventa anos; em outras palavras, se a Semana não tinha terminado.

Rumo ao centenário da Semana de Arte Moderna sinto que sua vitalidade se esgotou. Se nas comemorações do cinquentenário, mesmo que o ambiente político fosse o mais adverso para muitos membros e herdeiros do modernismo, como lembra Marcos Augusto Gonçalves, o mito de 1922 foi festejado e consagrado tanto

pela ditadura como pela intelectualidade de esquerda. O imaginário do modernismo era importante para os dois campos, como instrumento para refletir sobre o projeto de construção de um novo Brasil e, no campo oficial, de enraizar o ideário nacionalista.

Em 2022 essa busca pelos símbolos modernistas não terá mais papel a cumprir. A história de tropeços do país se repetiu nos últimos anos e mais uma oportunidade de superar alguns dos desafios de nossa condição de atraso foram desperdiçados. Encerrando um processo de décadas, a visão pautada nos benefícios da globalização e do cosmopolitismo liquidou o sentido de pensar a nação. Se para a geração modernista, a deglutição das outras culturas era parte do processo de autoconhecimento e de construção de projetos de futuro, para as gerações atuais a urgência e o deslumbre com o progresso material levaram os atores sociais ao abandono das utopias e dos projetos de mais largo prazo.

Se existe uma Semana de 22 que deve ser comemorada, ela deve ser necessariamente revista e ressignificada. O ambiente de meados do século XX que canonizou a visão e os projetos modernistas já não representa mais nossa existência. Reviver a Semana de 22 sem realizar a devida mediação com o tempo presente, fará com que o amanhã seja tão somente uma continuação de hoje. Assim, a transformação social almejada, estando deslocada dos reais desafios contemporâneos, continuará orbitando as celebrações de 1922, mas sem alcançar a realidade de 2022.

---

Alexandre Macchione Saes é professor do Departamento de Economia da FEA/USP; Vice-Diretor da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e coordenador do Projeto 3 vezes 22.

# IMAGINANDO UMA NAÇÃO

POR NORBERTO DE ASSIS

**V**ivemos numa nação, isto é, numa grande comunidade que é imaginada por nós, que possui um território delimitado e uma soberania relativa. Mas por que imaginada? Pare e pense um pouco: como eu, que moro num bairro da grande cidade de São Paulo, sei que existe alguém morando nos lugares mais longínquos do Brasil e posso supor que nesse exato momento essa pessoa esteja trabalhando ou comendo um arroz com feijão? Como sabemos que existe algo que compartilhamos como brasileiros, mesmo que sejam coisas que podemos nem mesmo gostar? Afinal, você já deve ter ciência de que uma boa parte dos brasileiros não ligam para futebol ou carnaval, dois dos nossos principais símbolos de exportação. Da mesma forma, o Brasil é um dos países onde mais se matam negros e indígenas no mundo, que são justamente as etnias das quais nos orgulhamos tanto lá fora. Somos uma nação porque, ainda que na prática tratemos mal o que nos identifica como tal, compartilhamos a ideia de ser brasileiro. Nesse sentido, afirmo e replico, somos todos nacionalistas.

Há um bom tempo foi idealizada por muitos a possibilidade do chamado: “fim do nacionalismo”. Com o avanço desenfreado da globalização, com meios de comu-

nicação cada vez mais avançados, as fronteiras que teoricamente separam um país de outro tornaram-se mais transponíveis. A internet, chega a ser um exemplo até clichê, nos permite a comunicação com alguém em qualquer lugar do mundo em poucos segundos. Acreditava-se que as culturas se mesclariam, que pessoas de diferentes lugares começariam a se relacionar e que uma língua tornar-se-ia comum a todos. A ideia era que, a partir disto, deixaríamos de acreditar em nações delimitadas e passaríamos a acreditar numa grande nação global. Contudo, observando notícias recentes, não é difícil perceber que isso não aconteceu: criação de muros aqui e acolá, ascendência de patriotismos exacerbados e expulsão de imigrantes e refugiados em diversos países são apenas alguns dos exemplos. Depois de tudo isso, pode até parecer que nacionalismo é um termo necessariamente ruim; porém, isso acontece, porque temos a ideia de que ser nacionalista é apenas torcer para seleção brasileira de futebol ou simplesmente ter uma bandeira em casa. E não é.

Nação, permito-me utilizar Benedict Anderson para argumentar, é justamente um termo que engloba um sentimento comum que permeia um grupo de pessoas; sim, é uma coisa abstrata, uma comunidade imaginada. Pessoas de todos



os lugares deste país acreditam nisso, eu acredito nisso. Hinos, bandeiras, símbolos, arte, música, e uma centena de outras coisas nos identificam e de certa maneira definem o que chamamos de “brasileiro”. Você não precisa gostar de samba, futebol e carnaval para ser brasileiro; também não precisa louvar a bandeira e cantar o hino; tampouco, comer feijoada todo final de semana. Porém, se alguém de outro país lhe perguntar como é ser um cidadão daqui você provavelmente irá citar alguns desses exemplos.

O brasileiro, ou qualquer cidadão de uma nação, define-se pelo contexto no qual está inserido. Até o século XIX não existia essa ideia de ser brasileiro e até hoje existem muitas dissidências sobre isso. Voltando cem anos, ninguém que vive no tempo atual se reconheceria como tupiniquim. Da mesma forma, o contexto vigente passa uma mensagem de brasileiro que pode não te representar. Discordar de algo não te faz menos “brazuca”; muito menos te faz uma pessoa que não quer o bem para a nação. Acreditar cegamente em algo, idem, não te faz querer o melhor para o país. Sobre o que se trata ser nacionalista, então? Trata-se de acreditar numa imaginação, numa fronteira arbitrária, numa soberania relativa, num ideal; numa gama de “algos” que não representa a totalidade de pensamentos deste povo. É possível se desvencilhar disso? Acho muito difícil, pois não é algo que se escolhe: somos condicionados por todos esses fatores que comentei, a acreditar nesse conceito.

Já que não podemos nunca deixar de ser nacionalistas, pelo menos nesses termos, então, vamos tentar nos tornar a melhor versão possível disso. Seria ótimo, de início, não insultar aspectos de nossa cultura, sobre ser brasileiro, por exemplo di-

zendo que não sabemos o que é respeito e que destruimos tudo a nosso redor. Da mesma maneira, seria incrível respeitar e celebrar as etnias “minoritárias” do Brasil e não usá-las como fantasia quando nos convém. Que tal procurar formas de celebrar a nossa arte e a nossa literatura, ao invés de falar que nada presta mais por aqui? Os museus e bibliotecas daqui só estão servindo para queimar enquanto que os do exterior são mais valorizados? Acaso eles têm algum charme a mais? Ao final do dia, o Brasil não está acima de tudo? Façamos valer essa afirmação; do contrário, não teremos nada do que nos orgulhar a não ser um ideal fraco e vazio, isto é, um nacionalismo que não respeita a própria nação que jura defender.

---

Norberto de Assis é graduando em Ciências Sociais pela FFLCH/USP.

# A NOVA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

POR GIOVANE DIRENZI

**N**a segunda-feira, 22 de outubro de 2018, dava-se início à última semana de campanha dos candidatos à presidência do Brasil. No Twitter, Jair Bolsonaro estava otimista: “Estamos iniciando a última semana a caminho de, se Deus quiser, nossa nova Independência! Vamos tirar o Brasil do vermelho e devolvê-lo aos brasileiros!”, escreveu ele, encerrando a mensagem com um emoji da bandeira nacional.

No dia 29, o resultado e a euforia da nação. Era feita a vontade de Deus. O Brasil vibrava e borbulhava de verde e amarelo. Eram estampidos e gritos por toda parte. Numa mistura de rojões e tiros, estava proclamada a tão esperada Nova Independência do Brasil.

Ao evocar a Independência do Brasil do 7 de setembro, Bolsonaro sugere um sentimento de liberdade e de um novo início. Age como se o brasileiro vivesse a experiência transcendental de um novo gênesis da nossa pátria; um revolucionário reset da memória histórica a partir do qual nenhuma ideologia de esquerda teria vez. Seu eleitor, ao assistir à sua posse, talvez tivesse a impressão de estar diante de um novo e triunfante grito do Ipiranga: “Independência ou morte!”.

Sem entrar no mérito do quão desproporcional é comparar um processo de co-

lonização com o período de governo da oposição, é simbólico que se reconheça no ícone da Independência um correspondente para os dias de hoje, uma vez que considerarmos aquilo que foi ensinado ao brasileiro sobre o episódio.

A Prof<sup>a</sup> Dra Sandra Regina Ferreira de Oliveira e a Prof<sup>a</sup> Luciana Fernandes de Aquino, da Universidade Estadual de Londrina, publicaram em 2017 uma análise da produção didática do período de 1970 a 2000, referente ao ensino da Independência do Brasil para crianças na educação pública. Em sua análise, perceberam que entre as décadas de 70 e 80 - tempo em que aprendia-se história por meio da disciplina “Estudos Sociais”, a presença do episódio nos livros didáticos surgia de maneira fragmentada e dando ênfase, sobretudo, à participação dos mitos fundadores, como D. Pedro e José Bonifácio, “o patriarca da Independência”. Após os textos, os livros geralmente traziam atividades pragmáticas onde propunham aos alunos a memorização de datas e personagens.

Outra problemática recorrente no material didático desse período é a utilização da tela de Pedro Américo, *O grito do Ipiranga* ou *Independência ou morte*, como ilustração do evento, sem mencionar suas devidas atribuições e ressalvas. A obra é apresentada como um registro que legiti-

ma a ocorrência do fato e ignora-se completamente que foi pintada em Florença, na Itália, em 1888 - 66 anos depois do suposto grito - e num contexto romântico que buscava idealizar o passado e exaltar a monarquia. Assim, Pedro Américo não tinha a menor responsabilidade de reportar a realidade, mas representava-a de acordo com seus valores e propostas artísticas. Se fosse um registro verossímil, provavelmente teríamos D. Pedro sem seus trajes de gala e montado em um jumento ou mula, que eram os animais usados na época para grandes viagens.

Em suma, os livros didáticos tendiam a não esclarecer de forma objetiva a existência de posicionamentos e interesses divergentes em relação ao processo de Independência do Brasil, além de estabelecê-lo em uma linha imaginada de acontecimentos harmônicos, criando assim a imagem ideal de um episódio catártico. Nesse sentido, acabavam fazendo uma seleção parcial de personagens em detrimento de outros que não soavam tão adequados à versão proposta.

É pertinente ressaltar que da década de 70 até a metade de 80, o país viveu sob um período ditatorial que influenciou diretamente na sua educação. As interpretações históricas eram parciais pois cassava-se, exilava-se ou assassinava-se quaisquer líderes da educação cujos valores fossem divergentes da visão militar e ufanista do então regime.

É apenas no fim da década de 80, mas sobretudo a partir de 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que se incluem novos pontos de vista e alarga-se a discussão. A Lei N° 9.394, do dia 20 de dezembro de 1996, diz: “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo

brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia.” É aqui também que História passa a ser ministrada como disciplina autônoma ou agregada à Geografia.

Apesar dessa última conquista, em entrevista ao Projeto 3x22, a Prof<sup>a</sup> Dra Cecilia Helena de Salles Oliveira, docente do Programa de Pós-Graduação em História Social da USP e professora titular no Museu Paulista da USP, afirma que ainda há um distanciamento e um descolamento bastante grande entre os livros didáticos e as pesquisas hoje realizadas por historiadores e pesquisadores das áreas de ciências humanas. Essa é uma discussão muito visitada em seu trabalho. Artigos seus como *O espetáculo do Ipiranga: reflexões preliminares do imaginário da Independência*, procuram investigar como determinados interesses moldaram a construção do mito em torno do nascimento da nossa independência, ainda no século XIX.

Dessa forma, quando Jair Bolsonaro se utiliza da Independência como uma alegoria para a sua eleição, evoca, na verdade, uma construção imaginária, baseada em valores ultrapassados e incoerentes com as descobertas mais recentes das ciências humanas. Sua comparação, portanto, faz-se sensata somente se compreendermos ambos os momentos do mesmo modo: como um equívoco histórico ou, de maneira menos otimista, um processo de apagamento da memória do país em prol de interesses bastante específicos.

---

Giovane Direnzi é graduando em Letras pela FFLCH/ USP.

# REFERÊNCIAS

## TEXTOS

Páginas 16-18: SANTIAGO, Silviano. Introdução Geral. In: “Intérpretes do Brasil”. SANTIAGO, Silviano (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2º Edição, 2002. P. XIII - XLVIII.

Páginas 28-30: COELHO, Frederico. “A Semana Sem fim”. Celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

GONÇALVES, Marcos Augusto. “1922: A Semana Que Não Terminou”. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Páginas 31-33: ANDERSON, Benedict. “Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo”. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Páginas 34 - 35: AQUINO, Luciana Fernandes de. “A Independência do Brasil nos Livros Didáticos Para Crianças: Uma Análise da Produção Didática Entre as Décadas de 1970 e 2000”. História & Ensino, Londrina, v. 23, N. 2, P. 155 - 180, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/download/29805/22906>. Acesso em: 10 de Maio 2019.

OLIVEIRA, Cecilia Helena de Salles. “O Espetáculo do Ipiranga: Reflexões Preliminares Sobre o Imaginário da Independência”. Anais do Museu Paulista, São Paulo, V. 3, P. 195-208, jan./dez. 1995. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47141995000100018&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47141995000100018&script=sci_abstract). Acesso em: 10 de Maio de 2019.

**BBM**

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

187 inscritos

INÍCIO

VÍDEOS

PLAYLISTS

CANAIS

DISCUSSÃO

SOBRE



## Independência do Brasil

com João Paulo G. Pimenta



## Independência e construção de símbolos nacionais

com Cecília Helena S. Oliveira



## História econômica do Brasil

com Alexandre Macchione Saes

Acompanhe o Projeto 3X22 no Youtube através do QR Code ao lado ou [CLIQUE AQUI](#) para ser direcionado, caso esteja na versão digital.



B-3X22 N°02

**BBM**

[www.bbm.usp.br](http://www.bbm.usp.br)